

## OS CÍRCULOS DE CULTURA NO FORTALECIMENTO DA CULTURA DE PAZ NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO WLADIMIR RORIZ<sup>1</sup>

*Maria Joyce Maia Costa Carneiro  
Kelma Socorro Alves Lopes de Matos*

Discutir cultura de paz não é algo absolutamente novo. O líder budista Thich Nhãt Hanh,<sup>2</sup> nascido no Vietnã do Centro, em 1926, argumentava, em 1960, sobre a necessidade de se imprimir paz na terra (1991). Conforme esse líder, a cultura de paz se torna concreta desde que se tenha isto como filosofia de vida. Aqui, trazemos uma reflexão sobre a paz com base na experiência escolar.

Metodologicamente buscamos, neste estudo, trabalhar cultura de paz, por meio dos Círculos de Culturas (CC) freireanos<sup>3</sup> (FREIRE, 1980), que envolvem o diálogo, a participação e o trabalho subjetivo coletivo. A opção por essa metodologia decorreu porque os CC, na proposta de Freire (1983), enfatizam a 'leitura do mundo' em uma perspectiva crítica do contexto social e cultural em que se vive. Desejamos, então, expressar a possibilidade em contribuir com a construção da cultura de paz, recorrendo à valorização da participação juvenil, por meio do diálogo, desenvolvido nos círculos de culturas da escola.

---

<sup>1</sup> Texto desenvolvido no contexto da pesquisa de Doutorado que versa sobre a cultura de paz no cenário escolar público em Chorozinho, município da área urbana da grande Fortaleza.

<sup>2</sup> Dedicou-se ao budismo com a idade de 16 anos e se tornou monge em 1949 no Monastério de Tu Hieu (Tù Hiêu). Sua ação contra a violência pela paz se tornou reconhecida nos países ocidentais, onde profere palestras e difunde ensinamentos com base integração dos sujeitos humanos com a sociedade e a natureza. Disponível em: <http://samooockah.blogspot.com.br/2006/11/thy-elementos-biograficos.html>. Acesso em: 6 out. 2012.

<sup>3</sup> Paulo Freire foi o criador dos círculos de culturas. Esse educador pernambucano é conhecido no mundo inteiro por meio de obras-primas como a *Pedagogia do Oprimido* (1996).

Os CC surgiram no contexto da educação de jovens e adultos, em que Paulo Freire, grande incentivador da cultura popular, apresentou uma proposta em que houvesse espaço para a participação, não só na política, mas também na cultura. O autor destaca, em sua obra *Educação como Prática da Liberdade* (2002), a temática do círculo de cultura, em que a partir da leitura das experiências relatadas, coloca como e porque as relações entre educação e conscientização se desenvolvem.

Segundo Cavalcante (1997) os CC levam os participantes a cingirem suas ideias numa posição de equilíbrio, contribuindo, assim, com o desenvolvimento e o reconhecimento das raízes de cada um, bem como facilitar a visualização dos que estão engajados, além de que todos os participantes têm a oportunidade de falar e ouvir, ‘sem fingir ou ter “obrigatoriedade de utilizar máscaras para se expressar.”

No caso do presente estudo, consideramos os valores que fazem parte da existência social, cultural, afetiva e subjetiva dos alunos. Realizamos, assim, momentos de sensibilização com os jovens da insituição estudada, sobre a construção da cultura de paz. Salientamos que os coordenadores e professores escolares já tinham realizado a formação do programa Vivendo Valores em Educação — VIVE, e feito vivências no espaço escolar.

De início, houve dificuldade em trabalhar com essa forma de pesquisa porque era a primeira vez que fazíamos com os jovens tal experiência. No primeiro momento, os alunos se sentiram “acanhados”, mas depois se ‘soltaram’, demonstrando mais segurança, e participação nas discussões. Expressaram suas idéias sobre o tema cultura de paz, indicando que a participação efetiva de cada cidadão poderia transformar a realidade para melhor.



Através da metodologia dos CC tivemos a oportunidade de problematizar, em grupos sobre os valores vividos no dia a dia da escola e na sala de aula. Nos CC havia entre 12 e 16 alunos. Surgiram temáticas como: a confiança, a amizade, a solidariedade, o companheirismo, o afeto positivo e o respeito à vida. “A paz é importante. Ela vem com gestos simples como o estar bem consigo mesmo. Quem se ama não quer briga.”<sup>4</sup> De fato, em Freire (2001, p.10):

A possibilidade humana de existir — forma acrescida de ser — mais do que viver, faz do homem um ser eminentemente relacional. Estando nele, pode também sair dele. Projetar-se. Discernir. Conhecer. É um ser aberto. Distingue o ontem do hoje.

A capacidade de se inter-relacionar com o próximo é o que proporciona o diálogo e o encontro entre os sujeitos. Isso se dá, sempre, na perspectiva de que na escola esse encontro acontece, também, a partir de uma ação reflexiva e dialógica entre professor e aluno, tornando o aprendizado um momento prazeroso, e não apenas uma ação mecânica (FREIRE, 1999). Em Buber (2001) o diálogo é plenitude, vida e saber (2001, p.15). Daí “[...] que o sentido profundo do diálogo se estabelece entre sua própria vida e a sua reflexão. Ambas firmam um pacto de profundo e mútuo compromisso.”

Retomando Von Zuben (2001, p.68): “o homem se torna Eu na relação com o Tu” e nessa relação, é imprescindível pensar sobre os valores. Assim, discutir a temática dos valores humanos é algo fundamental para:

[...] contribuir com a divulgação de uma proposta de educação que favoreça o envolvimento de outras pesso-

---

<sup>4</sup> Fala de um aluno no primeiro círculo de cultura realizado na Escola Wladimir Roriz.

as, além de despertar no âmbito acadêmico, educacional e social um olhar diferenciado e acolhedor para iniciativas que desenvolvem trabalhos que buscam formar para além dos conteúdos, considerados aspectos de caráter ético e espirituais, o que é essencial para a construção de novas práticas pedagógicas (BARROS, 2009, p.33).

Isso nos move a enfatizar a importância da vivência dos valores na educação, o que contribui, efetivamente para a construção de uma cultura de paz. Compreendemos, portanto, a cultura de paz como ‘inédito viável’, que na visão freireana é a materialização historicamente possível do sonho almejado, como prática de superação. É possível considerar que os valores humanos também estão ligados à ideia de espiritualidade (MELLO, 2009) então, a educação, para ser verdadeiramente eficaz, deve ter como missão levar aos alunos a: “[...] descobrir a realidade vital de suas existências [...]” (VON ZUBEN, 2001, p.14).

Acreditamos que a escola deve preocupar-se com a formação do jovem, considerando não somente o saber sistematizado, mas o seu envolvimento com as questões sócio-históricas. Segundo Freire (1997, p.16): “A escola será então um centro de debate de ideias, soluções e reflexões, onde a organização popular vai sistematizando sua própria experiência”, principalmente, quando o objetivo é contribuir para formar o jovem aluno em cidadão criativo e propositivo, em benefício próprio e da sociedade em que vive.

Educar para a vivência cotidiana de valores positivos, como indica o programa Vivendo Valores em Educação — VIVE, implica em ir além de uma aprendizagem bancária ou dogmática. Para isso, é preciso criar uma pedagogia reflexiva, em que se vivenciem os valores com base no diálogo, na sensibilidade e na espiritualidade. Somente dessa forma torna-se

possível “a construção social de uma cultura de paz.” (CASTRO, MATOS, NASCIMENTO, 2008, p.38).

Referendar as reflexões elencadas neste estudo, enfatizando a relação amorosa como imprescindível no ambiente escolar saudável, só foi possível graças ao referencial freireano, pois:

a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa (FREIRE, 1999, p.52).

O autor reafirma que esse é o ponto de partida para o processo participativo da comunidade escolar. Uma escola fechada ao diálogo reflete uma estrutura a ser modificada pelos que acreditam que através do amor ocorrerá o processo de transformação positiva dos sujeitos

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca das ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2005, p.45).

A educação pode apresentar a vocação dialógica e ao mesmo tempo democrática para a ação educativa. Assim, ressaltamos que o diálogo traduz o desejo de encontrar nas escolas um ambiente de paz, resultando numa aprendizagem real dos alunos. Não apenas isto: a construção de paz pode ser vivenciada no cotidiano dos jovens quando acreditam no seu poder de realizar ações pró-ativas. Nesse aspecto, os agentes educacionais assumem um papel fundamental junto à comunidade:

É preciso e até urgente que a escola vá se tornando em espaço acolhedor e multiplicador de certos gostos

democráticos como o de ouvir os outros, não por puro favor, mas por dever, o de respeitá-los, o da tolerância, o do acatamento às decisões tomadas pela maioria a que não falte, contudo o direito de quem diverge de exprimir sua contrariedade. (FREIRE, 1995, p.91).

Os agentes escolares podem fortalecer as relações dialógicas entre escola e comunidade escolar (FREIRE, 1997). Assim, duas preocupações devem ser ressaltadas nesse processo: a primeira diz respeito à participação e as relações de afetividade, envolvendo os alunos; e a segunda configura-se como amparo em uma política educacional com foco na gestão democrática e na autonomia escolar.

O *locus* escolar tem o desafio de ser um espaço que favoreça a prática de valores como respeito, solidariedade, generosidade, tolerância, aceitação da diversidade. Não deve dispor apenas de saberes organizados, mas desenvolver uma educação problematizadora e emancipatória.

Na concepção bancária (burguesa), o educador é o que sabe e os educandos, os que não sabem; o educador é o que pensa e os educandos, os pensados; o educador é o que diz a palavra e os educandos, os que escutam docilmente; o educador é o que opta e prescreve sua opção e os educandos, os que seguem a prescrição; o educador escolhe o conteúdo programático e os educandos jamais são ouvidos nessa escolha e se acomodam a ela; o educador identifica a autoridade funcional, que lhe compete, com a autoridade do saber, que se antagoniza com a liberdade dos educandos, pois os educandos devem se adaptar às determinações do educador; e, finalmente, o educador é o sujeito do processo, enquanto os educandos são meros objetos. (FREIRE, 2005, p.95).

Construir um olhar em torno da prática docente e da participação do jovem no dia a dia da escola é um desafio a ser realizado paulatinamente, apresentando uma reflexão sobre a

atuação dos diferentes segmentos educacionais no cotidiano escolar. Reflexão que pode ser considerada como um dos mecanismos propulsores de uma política de cultura de paz. Assim, na Escola Wladimir Roriz tem surgido uma oportunidade rara de se vivenciar a perspectiva da cultura de paz. A fala de um aluno expressa bem esse sentimento: “*Aqui faz tempo que precisamos vivenciar momentos como esse. Em casa não tenho espaço para dialogar. Aqui falo o que quero.*”<sup>5</sup>

A relação dialógica de escuta verdadeira e facilitação da expressão do aluno são fatores fundamentais para o desenvolvimento de uma cultura de paz nas escolas, dado que: “Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.” (FREIRE, 1999, p.89). A escola é um *locus* privilegiado de atuação em a vivência de valores como a paz, e isso também se relaciona com a cidadania (FREIRE, 1997, p.66):

A Escola cidadã é aquela que se assume como um centro de direitos e de deveres. O que caracteriza é a formação para a cidadania. A escola cidadã, então, é a escola que viabiliza a cidadania de quem está nela e de quem vem a ela. Ela não pode ser uma escola cidadã em si e para si. Ela é cidadã na medida mesma em que se exercita na construção da cidadania de quem usa o seu espaço. A Escola cidadã é uma escola coerente com a liberdade. É coerente com o seu discurso formador, libertador. É toda escola que, brigando para ser ela mesma, luta para que os educandos-educadores também sejam eles mesmos. E como ninguém pode ser só, a Escola cidadã é uma escola de comunidade, de companheirismo. É uma escola de produção comum do saber e da liberdade. É uma escola que vive a experiência tenda da democracia.

---

<sup>5</sup> Fala de aluno no segundo círculo de cultura.

A busca dessa escola participativa somente se completa com uma participação efetiva dos segmentos representativos nos Conselhos Escolares (CE), como sujeitos transformadores, garantindo a prática democrática. Portanto, não é possível conceber uma escola participativa sem que o trabalho coletivo seja fruto de um processo no qual haja um envolvimento de todos, principalmente dos representantes do CE.

Acreditamos que o CE pode representar e atuar como um organismo a serviço da cultura de paz articulada no sentido de buscar soluções para questões polêmicas na escola quanto a: recursos financeiros, aspectos administrativos e pedagógicos. Mesmo com limitações, esse pode ser um organismo de forte influência na construção da autonomia escolar, assegurando o exercício de democratização do espaço público.

A relação dialógica com relação à escuta verdadeira e a expressão da fala do aluno são fatores fundamentais para o desenvolvimento de uma cultura de paz nas escolas. Outra questão importante: é preciso que todos se sintam capazes. A sensação de 'ser capaz' é um rico caminho, no contexto educacional, a ser resgatado. Diante disso:

A busca pela resolução destes conflitos, sob a ótica de uma paz positiva, retrata a construção saudável da tolerância por meio do respeito às diversas opiniões. O respeito à autonomia e a dignidade de cada um é um infinito imperativo ético e não um fervor que podemos ou não conceder uns aos outros. (FREIRE, 1996, p.66).

Os jovens alunos não são problemas. Trazem consigo grande potencial para o trabalho do fortalecimento da cultura de paz. Isso ficou claro nos seus depoimentos durante os círculos de cultura, quando indicaram o quanto desejam participar efetivamente das decisões escolares. Deve ser cultivado

o nexa escola/vida, respeitando o educando como sujeito de sua história, estimulando-o a partir dos saberes que traz para o ambiente escolar.

Ensinar-educar dialogicamente exige o saber escutar, pois é escutando que aprendemos a falar com [...], numa posição dialógica, que considera o outro também como sujeito de saber. Especialmente, exige disponibilidade para o diálogo no respeito à diferença e na coerência entre o que se diz e se faz. (FIGUEIREDO, 2007, p.89).

Nesse caso, a escola deve acolher mais os jovens, suas ideias e criatividade, impulsionando sua participação através de projetos educativos e sociais, em que possam demonstrar as suas potencialidades latentes. É importante envolver todos os segmentos escolares, em especial o aluno, para um projeto em que possam desfrutar de uma vida mais saudável, na construção da paz positiva (JARES, 2001).

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca das ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2005, p.45).

A ação democrática é possibilidade criadora da ação educativa. Ressaltamos que o diálogo além de produzir, nas insituições educativas um ambiente de paz e acolhida, contribui para a aprendizagem satisfatória dos alunos. Favorece, ainda, o agir pessoal e coletivo para obter e aperfeiçoar as transformações necessárias, constituindo um espaço reflexivo e participativo (FREIRE, 2002).

Enfim, os CC vivenciados na escola propiciaram um encontro entre os jovens oportunizando suas falas, a prática do



respeito à diversidade, e representou uma semente a mais na construção da cultura de paz no ambiente escolar..

## Referências

CASTRO, Livia Ma Duarte; MATOS, Kelma Socorro Lopes de; NASCIMENTO, Elizangela L. do. Semeando paz: escolas e sujeitos em busca de valores. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de, NASCIMENTO, Verônica Salgueiro do, NONATO JUNIOR Raimundo (Orgs.). *Cultura de paz do conhecimento à sabedoria*. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 2008. v. 1, p.17-29.

CAVALCANTE, Ruth. Abraçando a educação biocêntrica. *Cadernos de Biodança*, n. 5. Pelotas, Escola Gaúcha de Biodança, 1997. n. 10, jul./dez. 2008 125.

FIGUEIREDO, João B. A. *Educação ambiental dialógica: as contribuições de Paulo Freire e a cultura sertaneja nordestina*. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

FREIRE, Ana Maria Araújo. “Educação para a paz segundo Paulo Freire”. *Revista Educação*. Porto Alegre-RS, ano XXIX, n. 2, v. 59, p.387-393, maio/ago. 2006.

\_\_\_\_\_. *Educação como prática da liberdade*. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da esperança*. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Cortez, 1967.

- \_\_\_\_\_. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Educação e mudança*. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Extensão ou comunicação*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da tolerância*. Parte 1 — Sobre os nacionais. São Paulo: UNESP, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Educação como prática de liberdade*. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- \_\_\_\_\_. “Quatro cartas aos animadores de Círculos de Cultura de São Tomé e Príncipe”. In: BEZERRA, Aída; BRANDÃO, Carlos (Org.). *A questão política da educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- JARES, Xesús R. *Educação para a paz: sua teoria e sua prática*. Tradução de Fátima Murad. 2. ed. Ver. e ampl. Porto Alegre: Artemed, 2002.
- MELLO, Celso Antônio Bandeira de. *Curso de direito administrativo*. 26. ed. São Paulo: Malheiros, 2009.
- NHÁT-HANH, Thic. *Caminhos para a paz interior*. Tradução e prefácio de Odette Lara, 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- VON ZUBEN, C. J., *Zoologia ampliada: Recentes avanços em estudos de entomologia forense; Entomologia y Vetores*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p.173-83, abr./maio/jun., 2001.